

---

## Jovens e caretas?

### Uma análise temática da “nova onda conservadora” da juventude<sup>1</sup>

Carolina Cavalcanti Falcão<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFPE  
Universidade Federal de Pernambuco – PPGCOM/UFPE

#### Resumo

Este trabalho analisa a ascensão do conservadorismo na Geração Z brasileira, contextualizado por dados que apontam a valorização de sistemas tradicionais na contemporaneidade. O problema central investiga os motivos da adesão juvenil a valores e comportamentos considerados "caretas". O objetivo é examinar as narrativas geracionais por meio de uma abordagem de análise temática. A fundamentação teórica compreende as gerações como construções sociodiscursivas moldadas por vivências históricas comuns. Os resultados indicam que o conservadorismo juvenil decorre de crises econômicas, identitárias e da radicalização em plataformas digitais. Conclui-se que as juventudes são heterogêneas, exigindo uma análise que considere as intersecções de classe, raça e território.

**Palavra-chave:** juventudes; conservadorismo; comportamento; relatório de tendência; mídia.

#### Introdução

Nesse trabalho, proponho uma análise temática da construção do conservadorismo que vem sendo associado às juventudes contemporâneas no Brasil. O tema ganhou especial tração com a publicação da pesquisa Ipsos Global Trend, publicada em janeiro de 2026, em que a tendência de valorização de “sistemas tradicionais” (como a família e a religião, por exemplo) foi fortemente associada à Geração Z. Dessa forma, proponho navegar pelas formulações que buscam explicar por que (e como) a chamada GenZ (nascidos entre 1997 e 2010) está ficando mais “careta”<sup>3</sup>. Considerando a limitação imposta pelo *template* do trabalho, optei por uma sintetização metodológica da Análise Temática de Braun e Clarke (2006), priorizando o texto base que funda o debate público sobre os achados da pesquisa. Assim, tomo como objeto de análise a temática do conservadorismo entre jovens, descrita

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 2º Colóquio Brasil-China de Ciências da Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação. Professora do Departamento de Ciências do Consumo da UFRPE e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE, E-mail: [carolina.falcao@ufrpe.br](mailto:carolina.falcao@ufrpe.br)

<sup>3</sup> Esse trabalho se inscreve no escopo mais amplo do projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe) intitulado **Com o que sonha a Geração Z? Navegando os Sentidos de Trabalho e Prosperidade nos Horizontes de Futuro de Jovens Pernambucanos** (APQ APQ-1655-6.09/25).

na peça de lançamento da pesquisa, que foi realizada pela Ipsos em parceria com a King's College (Pagura; Andrade, 2026). O texto se estrutura em três eixos. No primeiro, argumento brevemente sobre a articulação entre juventude e recortes geracionais em torno de binarismos como juventude e velhice. No segundo, empreendo a análise central do trabalho, discutindo como o conservadorismo entre jovens é tematizado tanto como naturalização quanto como consequências de causas econômicas, tecnológicas, políticas, culturais etc. Por fim, problematizo a tematização da “juventude conservadora” a partir de um espectro mais amplo do atual cenário brasileiro, trazendo duas pesquisas nacionais, que aprofundam dimensões mais específicas da juventude no Brasil.

### **Juventudes, um brevíssimo estado da arte**

Em estudo sobre a temática, Bourdieu (1983) provocou grandes discussões ao afirmar que a juventude era, no final das contas, “apenas uma palavra”. Embora as nuances de sua afirmação não possam ser discutidas aqui, é importante ressaltar como essa provocação suscita uma questão importante, uma vez que abre espaço para se pensar o caráter arbitrários das divisões etárias. O estado da arte indica a juventude como categoria histórica e cultural, atravessada por relações de poder, raça, gênero, classe e território, ou mesmo como termo plural (juventudes) devido à heterogeneidade de experiências que qualquer análise singular corre o risco de padronizar (Margulis; Urresti, 1996; Pereira, 2007).

Essa proposta, por outro lado, objetiva discutir a juventude em sua relação com recortes geracionais amplamente difundidos na linguagem da cultura digital contemporânea. Recortes geracionais são construções sóciodiscursivas que moldam um grupo etário, vinculando-o não só a certas contingências históricas, como a um léxico e a uma prescrição de comportamentos que se (re)produzem e se interditam simbolicamente nos discursos midiáticos. Esse conceito encontra guarida no pensamento de Karl Manheinn (1993), para quem uma geração se define pela vivência dos mesmos eventos históricos formando assim um elo entre localização, conexão e unidade geracionais. Apesar de se referir a uma discussão que se iniciou no início do século XX como forma de compreender os processos de mudança cultural, as gerações e as diferenças entre elas formam um tema de significativa tração em campos como o consumo e o comportamento. Atualmente,

---

opera-se, não sem controvérsia, com cinco grandes categorias geracionais: *Boomers*, *Geração X*, *Millennials*, *Geração Z* e *Geração Alpha* (Migueles *et al*, 2021).

Meu argumento é que cada um desses grupos viveu, vive ou vai viver, ao longo de certas contingências históricas, uma dada experiência prescritiva de juventude e envelhecer. Ou seja, são processos em que a maneira como uma dada geração vê suas gírias e comportamentos, os meios de comunicação que acessam, bem como os eventos que testemunharam, se tornando mais ou menos representativos sobre uma ideia de juventude/velhice; in/out. O que se vê hoje é, de um lado, os Millennials sistematicamente associados à percepção de envelhecimento; enquanto os códigos da juventude estão cada vez mais permeáveis ao comportamento da GenZ.

### **Delimitando a temática conservadora: normalização geracional e historicidade**

O texto lançado pela Ipsos em janeiro de 2026 fala de uma “nova onda conservadora” sendo tracionada pelas gerações mais novas, que redefinem valores e desafiam expectativas (Pagura; Andrade, 2026). A essa tematização conservadora, o trabalho responde em dois níveis. A primeira delas é a sucessão histórica entre progressismo e conservadorismo entre gerações mais velhas e mais novas, o que sugere uma certa “normalização” do tema. Nesse sentido, é relevante notar, conforme explicam Braun e Clarke (2006), como um tema “captura algo importante sobre os dados em relação à questão de pesquisa e representa algum nível de resposta padronizada ou significado dentro do conjunto de dados” (p.82). Os dados indicam como elementos desse conservadorismo entre jovens o fato de que 57% dos homens “gostariam que as coisas no seu país fossem como no passado”, superando *Millennials* e *Baby Boomers* nesse aspecto (Ipsos, 2026). O segundo nível historiciza o conservadorismo a partir de “suas raízes”, sendo elas (1) o cenário econômico “desafiador”; (2) a crise da identidade masculina; (3) o déficit de habilidades sociais causadas pela hiperconexão e (4) a radicalização causada pelas plataformas.

### **Problematizando a temática conservadora entre jovens**

Nesse terceiro eixo, problematizo a tematização da juventude conservadora, mas não no sentido de negar sua existência como dado empírico que pode ser observado em pesquisas de intenção de voto ou em análises de comportamento de grupos socialmente lidos como

jovens. Abundam no debate público materiais buscando compreender por que e como o grupo social que mais se valeu de conquistas e direitos civis parece estar cada vez mais interessado, como se viu, num passado idealizado de famílias tradicionais e papéis heteronormativos de gênero (Martins, 2026). O apelo cada vez mais crescente da Machosfera e das Tradwife (Cursino; Dean, 2026) entre jovens já indicam por si só esse movimento, mas é importante perceber como o cenário mais amplo da sociedade brasileira também faz indicações relevantes sobre essa questão. Mas se as juventudes estão ficando conservadoras, o que há para ser problematizado, para além de um certo “espanto” na maneira como esse grupo se comporta?

Pesquisa recente da Quest mostra que o conservadorismo é uma força cultural no Brasil, informando uma parte importante da identidade nacional. Por outro lado, pesquisas sobre as especificidades da juventude brasileira empreendidas pelo British Council Brasil (2025) e pela Friederich Ebert Stiftung Brasil (2026) mostram um grupo bastante conectado com as dimensões concretas da vida e com as ideias de futuro, articulando preocupações amplas, como trabalho, renda e crise climática. Esses dados ajudam a abrir duas frentes de reflexão. A primeira é que não existe juventude (careta ou liberada) que não esteja conectada com as densidades próprias do contexto em que elas se inscrevem. A segunda suscita um maior aprofundamento sobre como a juventude (seja ela vinculada ao recorte geracional que for) não é um monolito e que as questões de classe, raça, gênero e território são fundamentais para entender sobre quem se está ou não falando.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- CURSINO, Malu; DEAN, Grace. Querem mulher bem-sucedida, mas que obedeça ao marido: o conservadorismo dos homens da geração Z. *BBC News Brasil*, 6 mar. 2026. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx2lvnqvln4o> . Acesso em: 20 jun. 2026.
- MANNHEIM, Karl. O problema das gerações. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.

---

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARTINS, Pedro. Jovens no Brasil são mais ou menos conservadores do que os mais velhos? O que pesquisa descobriu sobre a geração Z. BBC News Brasil, Londres, 4 jun. 2026. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cvgz225wd59o> . Acesso em: 22 jun. 2026

MIGUELES, Carmen Pires; ZANINI, Marco Tulio Fundão; CARVALHO, Juliana; FILARDI, Fernando. O impacto da diversidade das gerações na confiança dentro das empresas. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 19, n. especial, p. 932-959, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120200218> Acesso em: 19 jun. 2026.

PAGURA, Diego; ANDRADE, Lucymara. Uma Nova Onda Conservadora? Como As Gerações Mais Novas Estão Redefinindo Os Valores E Desafiando As Expectativas. Ipsos, 7 jan. 2026. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/uma-nova-onda-conservadora> . Acesso em: 20 jun. 2026.

PEREIRA, Eliandro. Juventudes no plural: perspectivas críticas no Brasil contemporâneo. São Paulo: Cortez, 2007.